

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0023112

F
373.2467
B446

SE MARIA BELLO
DEPUTADO POR PERNAMBUCO

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

Parecer e discurso
lidos na Camara a proposito do projecto
que torna obrigatorio o ensino
technico-profissional



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1927

F 373.246 7
B446p

JOSÉ MARIA BELLO

DEPUTADO POR PERNAMBUCO

O PROBLEMA

DA EDUCAÇÃO

Parecer e discurso
lidos na Camara a proposito do projecto
que torna obrigatorio o ensino
technico-profissional



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1927

60023112

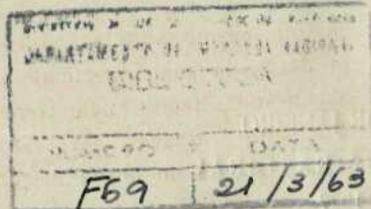
F
373.2467
2446 p



VOTO VENCIDO DO SR. JOSÉ MARIA BELLO, LIDO NA COMISSÃO DE FINANÇAS

“Foi com o maior constrangimento pessoal que pedi vista do brilhante parecer do eminente Sr. José Bonifácio sobre o debatido projecto do meu illustre amigo Sr. Fidelis Reis. A admiração que me merecem os dous representantes de Minas, o acatamento que devo ao voto já expresso, em favor da essencia do projecto, pelas duas casas do Congresso, deveriam bastar largamente para suffocar qualquer velleidade, que acaso nutrisse, de estudar por mim mesmo materia tão complexa e interessante como a que se contém na proposição de lei em victorioso andamento. Mas todos nós temos, algumas vezes, dessas attitudes inesperadas, de que nós mesmos, depois, nos admiramos... Todavia, é porque conheço de perto os meus illustres collegas de Comissão e a sua incansada generosidade que me animo a ir até ás consequencias finaes do meu gesto, formulando, ligeiramente, as razões que me levam a discordar do projecto Fidelis Reis, embora reconhecendo e proclamando a sinceridade e o patriotismo das intenções que o inspiraram.

Como certas phrases feitas, ou mesmo simples adjectivos, felizes ou expressivos, um dia, pela sua sonoridade ou pela sua força intima, batidos, cansados, depois, pelo immoderado uso, se insinuam perfidamente através da nossa penna ou da nossa palavra falada, maculando-nos a elegancia do estylo, assim certas idéas, applaudidas, um dia, pela



luminosa verdade que encerravam, e não raramente pela vacuidade pomposa, se fixam em o nosso sub-consciente, como especies de pontos de referencia para o nosso pensamento, e se impõem sem a menor analyse. Reagir contra a tyrannia de umas e outras é um acto quasi heroico... Um exemplo vivo e recente do poder de taes idéas feitas, a que alguns leitores de Fouillé chamariam, generosamente, "idéas-forças", poderia ser offerecido no ardente debate travado, no Congresso e na imprensa, sobre os partidos politicos. Ha um accordo tão tocante, quanto á necessidade vital que representam os partidos para as democracias modernas, que seria vã estultice emittir alguém parecer discordante... O complexo e delicadissimo problema da "representação politica" tem duas fórmulas, duas panacéas infalíveis, superiores ás condições tão varias de espaço e tempo — os partidos rotativos e o voto secreto... Na *Historia Universal*, de Wells, que acabo de lêr, com um encanto raro em um velho e já meio displicente habituado dos livros, porque, pela primeira vez, um altissimo e liberrimo espirito procurou vêr na agitação millenaria dos homens sobre a terra, tantas vezes incerta e convulsa, alguma cousa mais do que a apologia de força, encarnada em Alexandre, Cesar ou Napoleão — o lento e sereno triumpho da intelligencia e da piedade sobre os instinctos da estupidez e destruição do "homem das cavernas", um conceito accidental ficou-me: "Nós estamos longe de ter resolvido o problema da representação e ter criado órgãos que sejam reflexos ou emanações do pensamento e da vontade da communitade. Nossas eleições — attendei que é um inglez que fala — não passam de farças. Graças á potencia dos partidos, o eleitor, em vez de votar no mais digno, fica reduzido a escolher entre dous mercenários politicos, que lhe parecem igualmente desprezíveis..."

Mutatis mutandis, é o que se verifica com a apologia incondicional e exclusivista do ensino technico. A Escola de Artes e affícios, eis o *fiat* milagroso... O problema do Brasil será um problema de educação, sob um aspecto unico — desviar as jovens gerações dos nossos patricios das profissões liberaes, da cultura literaria e da inanidade burocratica para as artes technicas. Poderemos acceitar, sem dis-

cussão, these tão radical? De mim, repugnar-me-ia ecoar tão applaudido triusmo. A infinita complexidade do problema educacional brasileiro offerece faces multiplas, que se completam. Se fosse possível determinar uma seriação especifica entre as varias madalidades do ensino, que ha de elevar as nossas gerações futuras para integral-as, dignas e capazes, na grandeza do nosso paiz, não sei por que o alto ensino universitario occuparia o derradeiro logar. A complexidade, cada vez maior, da sociedade moderna ampliou extraordinariamente as funções das elites de toda especie. Constituem ellas, para a nação, o estado-maior que a guia e orienta. Em um paiz tão profundamente democratico, como o nosso, sem tradições de disciplina social, de formação particularista, mais absorvente ainda é a sua função. O Brasil tanto necessita de uma elite de technicos, que saibam valorizar as suas riquezas latentes, como de uma elite universitaria, literaria, philosophica e scientifica, cuja alta e nobre função é vêr justo e cujo papel, de alcance moral, que melhor se sente do que se define, é o de orientação suprema das idéas que a pratica realiza. Mas, evidentemente, não cabe aqui integral desenvolvimento de doutrinas que me são caras e que procurei agitar alhures, em paginas justamente esquecidas, e com uma bôa vontade ingenua, que ha de levar-me ao céu...

Não é nova, nem brasileira, a tendencia de maldizer da cultura classica para elevar a chamada educação pratica. Ha meio seculo que se formou em Franca corrente identica de idéas. Depois da derrocada de 70, o claro e inquieto espirito francez procurava anciosamente as possiveis determinantes psychológicas da supposta inferioridade da sua terra. Todo pensamento francez é, por largo e seguido tempo, envenenado nesta especie de derrotismo mental. A *quoi tient l'infériorité de la France?* Como para o grande Taine o culto da Revolução e o endeosamento napoleonico eram o grande mal, de que a apaixonada e oloquente *Origens da França contemporanea* iria arrancar as ultimas raizes, pra um medio re socialogo e educador, preso á concepção e aos methodos, um pouco estreitos, da Escola de Lé Play, tal Demolins, a inferioridade franceza explicava-se toda pelos processos de educação. A escola franceza fazia "vencidos", a Universidade al-

lemã o "proletariado de bachareis", de que falava desprezivelmente Bismarek, esquecido de que fôra um homem de pensamento, um puro spinozista — Fichte — o primeiro dos apóstolos da unidade allemã. A Escola Ingleza, esta, sim, fazia homens... O collegio de *Abbotsholme*, do Dr. Heddie, revolucionaria o mundo... Esquecia o educador francez as condições especiaes da vida ingleza, a sua evolução historica, a sua psychologia collectiva. Mais ainda — esquecia que, ao lado de *Abbotsholme*, excellente, de certo, para preparar os *Robinsons* modernos, capazes de se bastarem nos desertos do Canadá ou da Australia, da cultura classica de Oxford e Cambridge, safa a mais idonea e brilhante das gerações de homens de Estado da Inglaterra, a da grande época victoriana. Mais tarde, o modelo universal, o intangível *standard of life*, iam buscal-o os entusiastas das chamadas *cousas praticas* na formidável riqueza dos Estados Unidos. Não enxergavam taes apologistas da joven e febril civilização *yankee* os tristes aspectos que se occultavam sob o seu ouro e que os melhores espiritos americanos, amargamente, lamentavam: o culto excessivo do dinheiro, a materialidade extrema da vida, a corrupção que ameaçava dominar o mundo politico, através de *bozes*, *rings* e *lobbyists* de toda especie. Foi justamente quando o desenvolvimento das riquezas americanas pareceu ter attingido o seu ponto extremo, menos aguda a inquietação universal do dinheiro, que a alta cultura universitaria pôde intensificar-se e firmar-se em Harward, Columbia ou Yale em um ambiente mais tranquillo e mais elevado, para dar á grandeza norte-americana outro sentido moral, outra finalidade, menos tangível, porém, de certo, mais duradoura e mais nobre do que a offerecida pelas estatisticas das Bolsas e dos Bancos...

Resalvado, preliminarmente, o meu ponto de vista doutrinário na momentosa questão do ensino publico, seja-me permitido analysar, *de meritis*, o mais brevemente possível, para não cansar a benevola attenção dos meus collegas, o projecto Fidelis Reis.

Dentro do nobre e utilissimo pensamento de desenvolver o ensino tecnico-profissional, resente-se o projecto, ao meu vêr, de falhas e confusões que sériamente o sacrificam. Não

poderia, pois, em consciencia, por mais que me mereça o seu illustre autor, dar-lhe o meu voto favoravel. O art. 1º, que tornava obrigatorio o ensino tecnico, exigencia 'que, além de violar a Constituição, seria perfeitamente absurda em um paiz onde o ensino primario ainda é facultativo, foi alterado pelo Senado, em um euphemismo mais amavel. Passou a ser redigido em outros termos, expressando embora o mesmo pensamento de commando: — "O ensino profissional, no Brasil, será ministrado de accordo com as disposições desta lei"...

Vejam, agora, quaes são essas disposições. Ellas se resumem, afinal, na obrigatoriedade da instrucção technica nos estabelecimentos de ensino primario, mantidos ou subvencionados pela União, nos gymnasios federaes ou equiparados de ensino secundario e na preferencia legal, para a concorrência burocratica, dos portadores de diplomas de artes e officios.

Quanto á primeira parte, o projecto só merec applausos geraes. O ensino tecnico deve ser um complemento logico do curso primario.

"A educação profissional começa, como todas as outras, na escola primaria, que é o typo da escola nacional, por excellencia — disse, em verdade, ha seis annos, na luminosa justificação do seu projecto sobre a instrucção primaria no Brasil, o nosso illustre collega Sr. Salles Junior — porque prepara e predispõe todas as virtudes que a nação deve exteriorizar, apontando-lhes as direcções seguras da ascensão economica, os principios permanentes de ordem publica, os ideaes superiores de grandeza moral".

Não esgota o Estado os seus deveres para com o cidadão, quando lhe ensina as primeiras lettras. A finalidade tão alta da *Escola Unica* que ha de redimir o mundo, é justamente esta — preparar igualmente todos os cidadãos para a luta pela vida, dando-lhe armas e pontos de partida identicos. Todavia, é no final do curso primario que deve verificar-se a bifurcação necessaria — a officina agricola ou das industrias urbanas, de um lado, a cultura de humanidades e a universitaria, de outro. Levar a obrigatoriedade do ensino tecnico-profissional para o curso de humanidades é uma exigencia insolita, e, ousaria dizer, absurda, quando, por toda parte, no

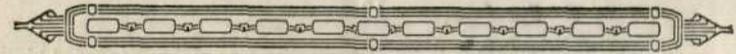
ensino profissional, mais do que alhures, a especialização de funções e aptidões é uma idéa vencedora. O homem das profissões liberaes, o homem de sciencias ou de letras nada tem a fazer com um officio mal aprendido. Elle precisa ter, como todo o mundo, as mãos e os olhos capazes. Mas é na Escola Primaria, no estudo obrigatorio do desenho e da modelagem artistica, que se devem ter educado o seu tacto e a sua vista. De certo, não teria sido o conhecimento de algum officio mecanico que deu a Einstein, ao que parece, de tão intimo commercio espirital com o autor do projecto, a incomparavel superioridade da sua visão sobre os eternos problemas do conhecimento e da vida...

A preferencia legal no accesso aos cargos publicos constitue manifesta incongruencia. Se o melhor fructo desejado do ensino technico profissional é desviar os jovens brasileiros da tola aspiração burocratica, como facilital-a aos que conseguiram adquirir um officio pratico? Deveria ser inversa a prescripção da lei — fechar-lhes de todas as maneiras as portas das repartições do Estado. Querendo combater o mandarinato official dos bachareis, poderia criar o projecto novas modalidades de doutores *ès* artes e officios, tão melancolicos e inanes como os outros, a esperar pacientemente na ante-sala dos ministerios, com o anel symbolico no dedo e o diploma no bolso, o promettido *bureau* do Estado... Ultima objecção, e a mais séria de todas, ao projecto Fidelis Reis. Multiplicando as escolas profissionaes, tornando obrigatorio o ensino technico, competiria ao Estado garantir a carreira dos seus novos tutelados. Resolveriamos o problema brasileiro se, amanhã, em vez de alguns milhares de bachareis, medicos ou engenheiros desoccupados, engrossando a clientela dos politicos, tivessesmos os mesmos milhares de diplomados das escolas profissionaes? Onde iriam elles exercer a propria actividade? Não exaggeremos as cousas. A necessidade é a melhor mostra da vida. No dia em que o gráo de desenvolvimento material do paiz exigir maior consumo de technicos elles surgirão naturalmente. O Estado completa o seu dever, multiplicando as escolas profissionaes, mas fomentando parallelamente o progresso economico do paiz, programma para alguns governos successivos...

Terminando, resta-me-ia chegar a uma conclusão concreta sobre o projecto em estudo. Infelizmente, o turno regimental em que elle se encontra não me permite propor-lhe qualquer modificação. A' Commissão e á Camara compete apenas manifestar-se sobre as emendas do Senado que lhe não alcançam a substancia. Que aconselhar? A Camara approvou quasi por unanimidade o projecto Fidelis Reis, desattenta á voz isolada, porém poderosa, de uma das expressões vivas mais altas e mais brilhantes da intelligencia e da cultura brasileira — o senador Gilberto Amado. O Senado teve identica attitude. Só me cabe acatar-lhes a sabedoria do voto, curvando-me vencido, embora não convencido...

Sala da Commissão de Finanças, em 19 de julho de 1927.
— José Maria Bello".





DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 8 de agosto de 1927

O Sr. José Maria Bello — Sr. Presidente, V. Ex. conhece o profundo constrangimento que tive de vencer para fallar perante a Camara. Habitudo a traduzir pela penna as minhas idéas e pensamentos, fallar ou, mesmo, ler em publico representou sempre para mim amargo sacrificio. Não foram generosos para commigo os deuses amaveis; nenhuma das primorosas virtudes de orador, que tanto exalçam algumas figuras desta Casa, elles me permittiram. Perdoar-me-hão, pois, V. Ex. e a Camara a leitura de algumas paginas, com que venho cançar a attenção dos raros collegas que me ouvem. *(Não apoiados geraes.)*

Tendo assignado vencido o parecer do eminente Sr. José Bonifacio sobre o ensino technico-profissional, julguei do meu dever explicar aos meus nobres collegas, com um desenvolvimento que não cabia nas razões do meu voto na Commissão de Finanças, os motivos da minha divergencia doutrinaria.

Preliminarmente, devo declarar que me não animou nunca nem me anima nenhum desejo de polemica em torno de tão debatido assumpto. Aliás, como bem sabe V. Ex., trata-se de materia já vencida nas duas Casas do Congresso. A nós outros, que pomos algumas duvidas sobre a maravilhosa efficiencia do projecto Fidelis Reis, resta-nos apenas a oportunidade de

formular certas restricções innocuas, não tanto contra a idéa geral que o inspira, mas contra a fórma em que a vasaram. Toda a Camara sabe que a necessidade de desenvolver-se o ensino technico-profissional é um truismo indiscutido. Faltaria apenas indagar como processar-se este desenvolvimento e que alcance elle tem na complexidade da educação.

Parece-me, Sr. Presidente, que o ensino technico não absorve o problema educativo brasileiro, e parece-me igualmente que o projecto Fidelis Reis, convertido em lei, não atingirá o objectivo com que sonha o seu illustre autor. Sem ser especialista em questões de ensino publico, tive cêdo a minha curiosidade de observador attento das cousas para ellas voltada. Como todo o mundo, julgo conhecer as falhas e os erros da formação intellectual e moral da juventude do nosso paiz, uns peculiares ao nosso meio e, portanto, ao alcance immediato das nossas providencias, outros mais geraes, que se enquadram perfeitamente no problema universal da educação. Relevar-me-á a Camara que summarie algumas idéas, velhas, de certo, mas opportunas sempre, sobre o assumpto, antes de chegar á critica dos termos do projecto.

Em um ponto de vista geral, Sr. Presidente, não ha nenhum exagero de pensamento ou de phrase, em se affirmando que o problema universal por excellencia da hora presente, como foi o de hontem, como será o de amanhã, é o da educação, porque elle condiciona todos os outros, que tanto preocupam os pensadores e homens de Estado. Em resumo, o esforço millenario do homem sobre a terra, bem definido na palavra *civilização* consiste no dominio sobre a Natureza e no aperfeiçoamento constante dos proprios instinctos e sentimentos, para chegar, um dia, ao ideal de uma vida farta, harmoniosa, tranquilla e feliz. E' pela melhor cultura do character, da intelligencia e do corpo que as gerações que se succedem poderão sonhar com o advento da nova era. Poupe-mos aos nossos filhos os erros da ignorancia, da maldade ou da fraqueza em que incidimos...

Um ligeiro olhar retrospectivo sobre a Historia Universal basta para mostrar-nos a falta de justo equilibrio na evolução humana. Emquanto a civilização material conseguiu vencer quasi todas as forças mysteriosas da Natureza, pondo-as humil-

damente ao nosso serviço, num esforço assombroso de intelligencia e trabalho, o progresso moral e politico da especie se vem operando com lamentavel lentidão e precariedade. De certo, é incommensuravel a distancia que medeia entre as hordas primitivas e a Humanidade civilizada de hoje; não menos profundo, todavia, deve ser o abysmo que separa a vida actual da luminosa Cidade-Futura. Conseguimos organizar uma sociedade policiada, fixando certos preceitos universaes de justiça e moralidade. Os sentimentos de piedade e solidariedade humanas tem um alcance de que não desconfiavam as civilizações antigas. As grandes religiões semiticas deram á civilização do Occidente a idéa de uma finalidade moral, que o mundo pagão desconhecia e cuja ausencia teria sido a causa primaria da destruição ingloria do Imperio Romano, que conseguira, entretanto, formar uma nitida consciencia politica. Mas nenhum dos grandes problemas moraes e sociaes que affligem a Humanidade e que o desenvolvimento extremo da civilização material aggravou, como a guerra entre as nações, as tristes desigualdades da vida, o duro egoismo dos fortes e a revolta dos fracos e vencidos, foi resolvido. Sentindo agudamente os erros e os crimes, que afeiam e amargam a vida, debatemo-nos até hoje em formulas vãs e sonhos generosos, incapazes de criar um estado de cousas, mais digno da nossa intelligencia e sensibilidade. Acredito, Sr. Presidente, que nem sempre resultarão inuteis os esforços feitos neste sentido pela pequena elite, que resume e glorifica a especie humana, 10, 15 ou 20.000 homens, que um pouco por toda a parte, pensam e constroem, pela propaganda escripta ou oral das idéas. O fruto de ouro será colhido um dia longinquo...

O seculo XX tem que redimir os erros de seculo passado e completar-lhe a obra de grandeza material, pelo aperfeiçoamento moral e social. Como e quando? Eis justamene as perguntas, que se entrefazem os homens de pensamento e que guardam o antesabor tragico da interrogação da esphinge de Thebas...

Theoricamente, o dever primordial do Estado moderno é preparar igualmente todos os cidadãos para a concorrência da vida, dando-lhes condições identicas de exito. Evidentemente, nem alhures e muito menos nos paizes como o Brasil as con-

lingencias economicas lhe permitem o cumprimento integral de tal dever, que por si sómente justificaria a sua existencia. Elevar o nivel moral e intellectual de todos os cidadãos pela *Escola Unica* ou pelas *Escolas Parallelas* é uma tarefa que não pode ser realizada de uma só vez. Temos que inicial-a paulatina e harmoniosamente. No seculo passado, conquistou fóros de questão vencida a necessidade de preparar-se especialmente uma alta elite pensante, á qual caberia a missão de dirigir a massa anonyma e inculta. Em verdade, foi formidavel o esforço de intelligencia e cultura feito em cem annos de Universidades e Laboratorios. Mas sabem os estudiosos desses assumptos quão fracos relativamente resultaram os fructos colhidos pelos defeitos da orientação seguida. Tendo destruido pelo excesso de espirito critico, de sensibilidade litteraria e de exegese historica as forças religiosas que poderiam guiar a Humanidade, não souberam os pensadores do seculo XIX, nota melancolicamente Fouillée, formar um ideal philosophico, capaz de dar á vida o sentido moral que elles lhe arrancavam. Falhavam todas as theorias e systemas, a começar pelo Positivismo. Por isto mesmo, o mais lucido, o mais sereno, o mais completo talvez dos historiadores modernos, Foustel de Coulanges, perguntava, no fim de sua carreira, que resultados praticos e beneficos, acaso, chegara a obra formidavel da exegese historica e religiosa. Talvez a um determinismo pessimista, em que se estiolavam espiritos da ordem de Taine ou a um spticismo elegante e desalentado da especie de Renan que depois da maravilhosa exegese das *Origens do Christianismo*, concluia perfidamente que a melhor virtude de Jesus teria sido a de sorrir da propria obra...

Procurar formar a mentalidade nova, que redimirá o mundo, eis o dever de todos os homens, capazes de estudar, de pensar, de actuar ou de realizar. Eu, de mim, Sr. Presidente, classico ou theorico, que, generosamente me qualifiquem, não creio que a orientação exclusiva para o ensino pratico resolva o problema. A instrucção technico-profissional é um simples aspecto da tarefa herculea de preparar e adaptar á vida as gerações de amanhã. Quando nas minhas noites crueis de insomnia me passa pelos olhos fatigados a antevisão panoramica do Brasil dos nossos netos, não no vejo apenas como colossal officina

mecanica, onde milhões de homens, duros, egoistas, crueis, se comprimem, entre machinas, na febre ardente do dinheiro. Ao meu patriotismo, talvez um pouco romantico, não bastaria preparar para as gerações vindouras dos brasileiros, um alto *standard* de vida material, pelo accumulo de riquezas mal distribuidas, pela facilidade das cousas tangiveis. Elle exigiria muito mais — uma democracia de vontades conscientes e esclarecidas, uma alta concepção moral da vida, um sentimento mais puro de justiça e equidade, uma tolerancia mais larga, uma solidariedade mais estreita entre os seus filhos... A grandeza da Allemanha impediu, porventura, a formação da mentalidade medieval de Guilherme II e dos *Junkers* prussianos? A riqueza dos Estados Unidos evita, acaso, as chagas da sua brilhante civilização?

O velho Spencer definiu no seu livro classico a finalidade da educação — *A preparation for complete living. How to live? That is the essential question for us. Not to live in the material sense only, but in widest sense. Em adjustment to live*, transformaram alguns escriptores americanos o *complete living* de Spencer. Mas sob esta ou aquella forma ou no proprio pragmatismo de William James, para o qual a marcha da educação se resume em adquirir idéas e concepções, a essencia verdadeira do pensamento é a mesma — educar é adaptar o homem ás condições presentes da vida universal e da vida especial do seu paiz, e dar-lhe tambem a capacidade para progredir, para realizar alguma cousa melhor do que a que existe...

Nas entrelinhas do projecto Fidelis Reis resalta facilmente a profunda descrença do seu autor no alto ensino classico e especulativo. Para S. Ex. a instrucção technico-profissional resolve automaticamente o problema, que tanto inquieta os mais generosos e poderosos espiritos contemporaneos. Por isto mesmo, a ella subordina todas as modalidades do ensino. Dêem ao bacharel, ao medico, ou ao engenheiro, todos elles, de resto, technico-profissionaes, o conhecimento apressado de algum officio e transformar-se-ha a mentalidade brasileira. Não no abala nenhuma restricção, não no demove nenhum argumento. Sem nenhum signal de malicia, a crença do illustre Deputado mineiro na efficiencia infallivel do ensino technico

faz-me lembrar a inabalavel convicção de Panglóss na harmonia preestabelecida das cousas. Este amavel philosopho, aliás excellente e invejado professor de physica experimental, do *Candide*, estava profundamente convencido de que tudo, no melhor dos mundos, tem as suas causas e effeitos. Guerras, terremotos, pestes, complicadas genealogias da syphilis, nada o perturbava. Afastem a causa, cessará o effeito... Multipliquem-se as escolas profissionaes, dêem a cada jovem brasileiro um officio pratico, e estará salvo o Brasil. Discipulo um pouco retardado dos methodos objectivos de Bacon, o meu nobre collega renova as velhas idéas que tamanha repercussão tiveram no seculo XVII na Inglaterra e entre os discipulos de Rousseau, convencido talvez de que representa sesinho, com os applausos da douta Associação Commercial, a corrente moderna do pensamento. Nós outros, que tentamos ver na educação alguma cousa mais do que as "cousas praticas", somos simples rhetoricos, mentalidades incuraveis de letrados e sonhadores, alheios ás asperas realidades contemporaneas...

Mas, Sr. Presidente, não desejo prolongar indefinidamente um debate academico sobre idéas que me são caras. Analysemos mais de perto o projecto Fidelis Reis. A proposito do meu voto na Commissão de Finanças, dizia-me espirituosamente o meu nobre collega pelo Rio Grande do Sul, Sr. Oswaldo Aranha: "Li o seu voto. Você fez-me lembrar um orador uruguayo que ouvi em uma cidade fronteira. O homem folou, divagou sobre mil cousas geraes. Em certo momento, elle mesmo exclamou: *Bueno. Hasta ora no hey hablado que de pamplinas. Ahora voy hablar en realidad...*" Applico de novo *el cuento. Hablemos en realidad...*

Accetto sem esforço que a proposição de lei, que tomou o nome do illustre Deputado mineiro, attenda, em principio, á inilludivel necessidade da educação brasileira. Precisamos corrigir a tendencia tradicional dos nossos jovens patrios para as carreiras liberaes e para a burocrocia. Alcançará o projecto Fidelis Reis semelhante fim? Antes de tudo, Sr. Presidente, parece-me que, nelle, não ficou bem defi-

nido o que é ensino technico-profissional. A Engenharia, a Medicina, o proprio Direito são carreiras technico-profissionaes,...

O SR. FIDELIS REIS — Constará da parte regulamentar.

O SR. JOSE MARIA BELLO—...embora o que contenham de sciencia pura ou applicada. Naturalmente, a intenção do autor do projecto foi a de permittir aos estudantes de primeiras letras e de humanidades o conhecimento de uma arte ou officio manuaes ou mecanicos. No voto da Commissão de Finanças, expuz o meu ponto de vista quanto á obrigatoriedade, nas escolas primarias, do que o projecto erroneamente denomina *ensino technico-profissional* e que melhor se definiria — *aulas de trabalhos manuaes*. Nos primeiros annos da vida, explica magistralmente William James, o instincto de construcção é o mais activo de todos. Mesmo em destruindo, a creança quer conhecer o segredo material das cousas, para reconstruir depois pelas suas proprias mãos inexperientes e inquietas. As lições de cousas e os trabalhos manuaes servem excellentemente a esta tendencia natural, depressa esquecida na juventude, porque a educam e a disciplinam, fazendo desviar, ao mesmo tempo, os excessos de actividade vital.

Antes da adolescencia, o espirito do homem é incapaz de apprehender o aspecto abstracto das cousas. Só as realidades immediatas, que tocam os sentidos, o interessam. O trabalho manual na infancia e, mais tarde, as expediencias de *atelier* e de laboratorio darão ao homem, diz o psychologo norteamericano, a "intuição da complexidade da Natureza e lhe mostrarão como uma idéa abstracta é incapaz de traduzir perfeitamente o phenomeno concreto". Mas impôr aos estudantes das escolas primarias e mesmo secundarias a educação do tacto, da vista, do gosto artistico e do ouvido pela pratica de trabalhos manuaes, do desenho, da modelagem e da musica não significa impor-lhes o dever de um preparo technico-especializado.

Sei bem que não é facil fixar as fronteiras entre o ensino primario e o secundario. A tendencia universal da Escola Unica é justamente para confundil-as e identifical-as.

O processo biológico e sociológico da Educação deve ser theoreticamente um só acabado e integral. Dahi a razão de ter escripto no meu voto e repetido no principio deste discurso que o dever do Estado é dar a todos os cidadãos uma instrução completa, que venha das primeiras letras ás portas das escolas especiaes e das Universidades. Aceitamos como uma contingencia dos factos a divisão schematica e um pouco artificial do ensino em primario, secundario e superior. Estará o Estado quite com a sua consciencia si conseguir proporcionar aos cidadãos uma instrução fundamental, especie de pequeno *curriculum* basico para a vida de todos os dias.

Os mais modernos escriptores inglezes e norte-americanos aceitam e defendem esta concepção da Escola Nacional. Ruediger, por exemplo, professor de Psychologia Educacional na Universidade de Jorge Washington, escreve (*Principles of Education*) que "a escola primaria serve para a função selectiva na variedade de caminhos que se abrem na vida dos cidadãos". Concluido o curso primario, os alumnos mais capazes pela intelligencia ou applicação ingressam no curso de humanidades, ao cabo do qual se encontram as novas bifurcações dos altos estudos especializados ou universitarios. A maioria, entretanto, deve passar das escolas primeiras para as escolas de artes e officios urbanos ou ruraes. O alumno seleccionado, que segue o curso de letras ou de sciencia, nada tem a ver mais com as profissões manuaes. Presumidamente, a educação basica dos seus sentidos já foi feita e colhidos os seus effeitos physiologicos e psychologicos. No fundo, exigir que um universitario conheça a arte da carpintaria é tão absurdo quanto exigir, de um carpinteiro, o conhecimento das theorias da relatividade de Einstein. O ideal de certos sonhadores hindús, do homem que se basta a si mesmo, que se alimenta do que planta, e se veste do que tece, é uma utopia irrealizavel. A especialização das funções e carreiras é um aspecto fatal da divisão do trabalho, tornada cada vez mais implacavel pelo progresso da vida social. Como estheta, posso ser um Ruskiano, mas como homem do meu tempo, conforto-me perfeitamente com o triumpho da machina sobre o primitivo *atelier* artistico...

Em nenhum paiz, nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra, modelos classicos da educação pratica, nem no Japão, exemplo admiravel para as nações como a nossa, porque é o de um paiz que improvisou em 30 annos a sua admiravel civilização occidental, ninguem pensou jamais em confundir cousas dispaes, como ensino classico e instrução tecnico-profissional. Em um livro de antes da guerra — *Japanese Education* — série de conferencias realizadas na Universidade de Londres pelo barão Dairōku-Kikuchi, presidente da Universidade de Tokio, pude acompanhar o historico e actual organização do ensino publico no longinquo Imperio do Sol. Alli, as escolas profissionaes médias e altas vivem ao lado dos Lyceus e das Universidades, com as suas actividades diversas, igualmente fecundas. E a grande difficuldade com que teve de lutar o Japão para a organização do ensino tecnico foi, escreve o professor Dairoku, a de encontrar — *good and efficient teachers*. Pensou, porventura, o Sr. Fidelis Reis nos obstaculos semelhantes que se erguem no Brasil contra o seu bello sonho de ensino tecnico? Antes de tornar obrigatoria a instrução technica, lembrou-se S. Ex. de indagar as causas da decadencia das nossas escolas profissionaes, mantidas pelo Estado?

Restaria, Sr. Presidente, analysar a estranha disposição do projecto que attribue uma especie de preferencia legal, na concurrencia burocratica, para os diplomados nas escolas de artes e officios. Não poderia repetir aqui sinão o que disse na Comissão de Finanças — o projecto, neste ponto, é de manifesta incongruencia. Si queremos desviar os jovens brasileiros da tentação da burocracia, como facilital-a justamente aos que adquiriram uma profissão pratica? Vejo, Sr. Presidente, que me alonguei, mais do que desejava, no exame do projecto Fidelis Reis. Trata-se, como eu proprio já observei, de uma questão vencida. Ficava-me, apenas o direito ou a impertinencia de aconselhar á Camara a rejeição das emendas do Senado, para que elle voltasse á outra Casa do Congresso. Mas, como as emendas do Senado melhoram e adoçam, ao meu vêr, a fórmula primitiva do projecto, o meu conselho, nesse sentido, valeria apenas pela sua intenção obstruccionista. Certamente, não é este o meu intuito.

Nada tendo podido fazer pela correção do projecto, ao tempo em que foi debatido na Camara — *natus non eram* — curvo-me ante o voto do Poder Legislativo, esperando apenas que elle fique na collecção das leis nati-mortas, para que, um dia, possamos renovar as idéas, tão dignas de applausos, que elle contém; dando-lhe uma fórma mais perfeita e que possa corresponder realmente ás necessidades do problema educacional brasileiro. (*Muito bem; muito bem. O orador é vivamente cumprimentado e abraçado.*)